

Reflexões sobre Gurumayi Chidvilasananda

Meu desejo secreto *por Swami Ishwarananda*

Durante a Segunda Visita de Ensinamentos de Gurumayi ao Japão, em 1991, tive a oportunidade de acompanhar Gurumayi e um grupo de Siddha Yogues em visitas a vários templos budistas, na antiga capital espiritual de Kyoto e em seus arredores. No início dos anos 1970, eu tinha iniciado minha própria jornada espiritual num desses templos e estava especialmente entusiasmado por revisitá-los com meu Guru, Gurumayi.

A cada templo, Gurumayi perguntava sobre os protocolos e práticas daquele templo em particular e, muito respeitosamente, honrava as tradições do lugar. Em um templo, como era o alegre costume, nós, com risadas e grande alegria, jogamos água sobre as estátuas de pedra de Buda na entrada. Em outro, circundamos o Buda central e fizemos oferendas. Em outros, nos sentamos silenciosamente em meditação ou cantamos o mantra de Siddha Yoga. Eu adorava observar o espírito de investigação franca de Gurumayi, explorando a cultura ancestral e fazendo perguntas para nossa elevação.

Um templo que visitamos tinha sido o meu favorito durante os quatro anos em que vivi no Japão. Ele tinha várias grandes estátuas de Buda. Depois de observar por um bom tempo, em silêncio, uma delas, Gurumayi disse ao monge principal: “Este Buda é diferente dos outros.”

“Como assim?”, perguntou o monge.

Gurumayi explicou que todos os outros Budas estavam sentados eretos, mas aquele parecia inclinar-se um pouquinho para frente. O monge confirmou a percepção de Gurumayi dizendo: “É verdade. Este Buda fez um voto de retornar a este mundo repetidas vezes para elevar a humanidade e, por isso, inclina-se para frente, para ouvir os pedidos de todos.”

Fiquei maravilhado com a capacidade de Gurumayi de observar o gesto sutil daquele Buda, e me perguntei como eu não tinha visto a postura inclinada nas tantas vezes em que visitara o templo no passado.

Ver com percepção clara e sutil era um ensinamento de Gurumayi, que começou a se revelar para mim de maneiras surpreendentes durante aquela visita. Em seguida, foi muito horado e feliz que levei Gurumayi e nosso grupo ao templo histórico de Daitokuji, onde eu havia estudado anteriormente. Hoje, Daitokuji é um grande complexo de vários templos, grandes e pequenos. Ao entrarmos num dos mais antigos, enquanto observávamos seus jardins graciosos, o monge principal apareceu e nos convidou para um chá. Era um monge famoso, que aparecera em rede nacional de televisão, e era muito conhecido pelo seu senso de humor. Talvez tenha sido esse senso de humor que suscitou o que estava para acontecer.

Quando nos sentamos na sala de chá, eu entreguei ao sacerdote um dos livros de Gurumayi. Então ele perguntou, em inglês, se eu era o líder do grupo. Eu ia dizer “não”, mas Gurumayi começou a rir e indicou, com um gesto da mão e acenando a cabeça, que, “sim, eu *era* o líder do grupo”.

O monge olhou a capa do livro, que tinha uma foto de Gurumayi com a cabeça raspada, depois para ela, que, na época, tinha os cabelos longos. Depois olhou para mim, completamente careca, e novamente para

Gurumayi. Mais uma vez, olhou a foto no livro, e seu rosto se abriu num grande sorriso. Então, com muita doçura, serviu chá para cada um de nós.

Eu olhava Gurumayi de vez em quando, com o canto do olho. Ela não dizia uma palavra, era a própria encarnação da quietude e do “vazio puro”, o que, na tradição Zen, é considerado uma alta realização. Aquela visão e sensação permanecem comigo até hoje.

Apesar de Gurumayi estar silenciosa enquanto o chá era servido, senti o poder de suas ações me apoiando. Enquanto conversava sobre meditação com o monge, em nome do grupo, senti uma gratidão imensa por tudo o que aprendi estudando durante anos com Baba e Gurumayi.

Quando chegou a hora de partir, o monge despediu-se de nós. Enquanto caminhávamos pelo jardim em direção ao portão, os sinos do templo começaram a soar. Nós olhamos, e lá estava o monge principal no átrio, tocando os sinos, rindo e acenando, despedindo-se. Com aqueles repiques de sinos, era como se ele estivesse dizendo a Gurumayi: “Ahá, eu a reconheci, viu? e apreciei a sua companhia. Obrigado por ter vindo.”

Ao refletir sobre o que acabara de acontecer, lembrei-me de que a literatura Zen está cheia desses encontros entre mestres, onde o reconhecimento é transmitido sem palavras e muitas vezes de maneira não convencional. Naquele dia, bem diante dos meus olhos, Gurumayi havia entrado naturalmente nessa tradição e fluíra em perfeita harmonia com ela.

O dia ainda não tinha terminado. Depois da nossa experiência do chá, Gurumayi pediu-me para levá-la ao templo onde meu antigo professor morava. Mostrando o templo, disse a ela que ele não teria condição de nos ver, devido à sua saúde debilitada; portanto, talvez não houvesse razão para irmos até lá.

Gurumayi começou a caminhar diretamente na direção do templo, como se ignorasse as minhas palavras. Quando chegamos à porta do templo, o assistente disse que o monge tinha pouco tempo de vida e infelizmente não poderia receber visitantes. Gurumayi explicou que queria oferecer um presente e pediu a um dos sevitas para nos trazer um xale. Ouvindo aquilo, fiquei arrepiado. Durante anos, eu sonhara em retornar ao Japão e oferecer ao meu professor um xale de pashmina violeta, em gratidão por ele ter me iniciado no caminho espiritual.

Quando o sevita retornou, trazia três xales da pashmina — um branco, um preto e um violeta. Gurumayi olhou por um momento, silenciosamente, os xales. Então pegou o violeta e o enviou com suas bênçãos.

Fiquei muito feliz por meu antigo professor ter recebido, nas últimas semanas de vida, as bênçãos de um Siddha. E fiquei, é claro, pensando em como Gurumayi conhecia o meu desejo secreto, o bom humor do monge que nos serviu chá e o Buda que se inclinava, mesmo só um pouco, ouvindo os pedidos de todos. Para mim, havia um fio invisível conectando todos esses eventos.

Então me ocorreu: era o silêncio. No espaço de silêncio interior e abertura, Gurumayi ouve. Ouve as necessidades do momento. Ouve o coração do outro. A partir do espaço de silêncio interior e abertura, Gurumayi ouve os sussurros da Shakti onisciente, o poder divino que existe em tudo. Desse modo, suas ações estão sempre de acordo com a sabedoria mais elevada.

As visitas aos templos prosseguiram muito espontaneamente. Então, no final do dia, olhando para trás, vi que tudo fluíra com perfeição, como um rio.

Os antigos textos budistas dizem que Buda, “o desperto”, transmite ensinamentos com cada gesto e ação. Ao visitar com Gurumayi os templos

ancestrais de Kyoto, experimentei a sabedoria suprema de suas palavras, ações e quietude interior, e isso me despertou para uma nova maneira de estar neste mundo.



© 2014 SYDA Foundation®. Todos os direitos reservados.